



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

**O alferes Antonio Wanderley e a campanha contra o arraial de
Canudos (1896-1897): apontamentos sobre um ilustre sergipano
desconhecido**

Tierry Neves de Arruda

São Cristóvão/SE

2019



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

O alferes Antonio Wanderley e a campanha contra o arraial de Canudos (1896-1897): apontamentos sobre um ilustre sergipano desconhecido

Artigo apresentado à disciplina Prática de Pesquisa como exigência parcial à obtenção do título de graduado em História.

Orientador: Prof. Dr.º Carlos Malaquias de Oliveira

Co-orientador: Prof. Me. Wanderlei de O. Menezes

São Cristóvão/SE

2019

O alferes Antonio Wanderley e a campanha contra o arraial de Canudos (1897): apontamentos sobre um ilustre sergipano desconhecido

Tierry Neves de Arruda¹

Resumo: O alferes Antônio Ribeiro Bonfim Wanderley (?? – 1897) é mais um personagem esquecido da História de Sergipe. Mesmo sendo mencionado como um bravo e corajoso militar na célebre obra *Os sertões*, de Euclides da Cunha, nenhuma pesquisa a seu respeito foi feita e sua vida é, em grande parte, desconhecida pelos pesquisadores. Esse artigo busca, como objetivo central, formular hipóteses sobre a trajetória de vida do alferes Wanderley, e como objetivo secundário, narrar os eventos protagonizados pelo militar durante a Campanha de Canudos. Para tal objetivo, a pesquisa foi feita com base em citações à Antônio Wanderley em livros e notícias de jornais, além de um retrato do mesmo. A partir disso, foram elaboradas possibilidades a respeito de sua profissão antes da guerra, de seu ingresso no exército, os motivos de sua baixa patente, entre outras.

Palavras-Chave: História; Guerra de Canudos; Alferes Antônio Wanderley; Biografia.

ABSTRACT: Ensign Antonio Ribeiro Bonfim Wanderley (?? - 1897) is yet another forgotten character in the history of Sergipe. Even though he is mentioned as a brave and brave military man in Euclides da Cunha's celebrated work *The Sertões*, no research has been done about him and his life is largely unknown to researchers. This article seeks, as its central objective, to formulate hypotheses about the life trajectory of Ensign Wanderley, and as a secondary objective, to narrate the events carried out by the military during the Canudos Campaign. For this purpose, the research was based on quotations to Antonio Wanderley in books and newspaper news, as well as a portrait of him. From this, possibilities were elaborated regarding his pre-war profession, his entry into the army, the reasons for his low rank, among others.

KEYWORDS: Story; Canudos' War; Ensign Antonio Wanderley; Biography

¹ Discente do curso de Licenciatura em História pela Universidade Federal de Sergipe (UFS). E-mail: tierry.arruda1@gmail.com

INTRODUÇÃO

A fotografia na pesquisa histórica deixou de ser mero instrumento ilustrativo para assumir o status de documento, matéria-prima fundamental na produção do conhecimento acerca de períodos históricos. Através dela, conhecemos de forma mais vivida determinados períodos da História, acontecimentos, indivíduos e grupos sociais. Inúmeras pesquisas nascem do simples ato de olhar uma imagem do passado na tentativa de responder os seus significados.

Sendo assim, a fotografia foi e ainda é usada como porta para o passado, fornecendo informações que os documentos textuais não são capazes de registrar. Contudo, a compreensão da fotografia como uma forma de representação nos permite olhar também problemas históricos associados às formas como socialmente foram construídas e recebidas as imagens.

Segundo Ana Maria Mauad (2004), as diversas formas de uso, leitura e os diferentes autores que adotaram a fotografia como instrumento ou objeto de pesquisa apontam a necessidade de desconstrução do aparente, desvendando aquilo que está oculto, identificando os assuntos/temas que foram focados naquele determinado momento histórico, os fotógrafos e agências/autores das imagens e as tecnologias empregadas em sua produção, bem como o contexto em que foram realizadas e a utilização da linguagem verbal para o preenchimento das brechas e silêncios deixados pela imagem.

Para Kossoy (2001), toda fotografia tem sua origem a partir do desejo de um indivíduo que se viu motivado a congelar em imagem um aspecto dado do real, em determinado lugar e época. “O fotógrafo enquanto filtro cultural” (p. 42). O homem, o tema e a técnica específica são em essência os componentes fundamentais de todos os processos destinados à produção de imagens de qualquer espécie.

Esta pesquisa foi originada do simples fato de olhar uma fotografia que foi emoldurada e há décadas se achava na reserva técnica do museu Galdino Bicho, no Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe². Há poucos meses atrás, a Prof^a Dr. Verônica

² Museu do IHGSE recebe esse nome por homenagem a Galdino Bicho, pois este artista muito contribuiu para a formação do atual acervo. Galdino Guttman Bicho era natural do Estado do Rio de Janeiro, porém sempre retratou o Estado de Sergipe em suas telas. Ao falecer, doou um valioso acervo iconográfico

Maria Meneses Nunes e a equipe de estágios que se debruçavam sobre os quadros que compõe o rico acervo daquela instituição localizaram dois quadros que retratavam dois homens, provavelmente do século XIX. Um tinha a pele claramente parda e o outro era branco. Em comuns, os dois tinham o mesmo nome escrito nas molduras dos quadros: “ALFERES ANTONIO WANDERLEY”. A partir desse momento, todos os esforços da equipe do museu foi a de descobrir o verdadeiro “rosto” do tal alferes Antonio Wanderley e quem teria sido esse obscuro indivíduo.

O passo seguinte foi levantar informações sobre o alferes. Não demorou muito e as pesquisas de Oleone Coelho Fontes e José Calasans nos informam de modo sumário que se tratava de um militar que participou da campanha militar contra o arraial de Canudos, conhecida na historiografia como Guerra de Canudos (1897). Era sergipano e morreu em combate contra os defensores de Antônio Conselheiro. Porém, essas obras não traziam nenhuma imagem dele. O mistério continuava. Era preciso pesquisar em testemunhos de época (jornais, fotografias, manuscritos etc) para se obter pistas sobre esse indivíduo. Tínhamos apenas duas fotografias, um sujeito histórico e algumas informações sumárias sobre esse ilustre desconhecido sergipano que morreu nos sertões baianos durante a Guerra de Canudos.

Este artigo procura descortinar o maior número possível de informações biográficas acerca do alferes Antônio Wanderley, objetivando analisar os atos desse militar sergipano e, especialmente, responder à questão central acerca da verdadeira face desse militar da segunda metade do século passado.

Essa última questão foi facilmente e satisfatoriamente respondida em pouco tempo. Ao consultar o acervo iconográfico do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe e da Biblioteca Pública “Epifânio Dorea” localizamos duas fotografias diferentes que nos levou ao homem pardo como sendo o verdadeiro alferes Antonio Wanderley.

composto por obras de Rodolfo Chambelland, Victor Meirelles, Rodolfo e Henrique Bernadelli, Helena Sardeau, entre outros. A valiosa coleção Galdino Bicho é resultado do intercâmbio de artistas brasileiros e europeus através do prêmio de viagem concedidos pela Academia Imperial de Belas Artes no limiar entre os séculos XIX e XX. Após sua morte, na década de 1950, a sra. Galdino Bicho realizou um dos últimos pedidos do artista, doando sua coleção iconográfica ao acervo do IHGSE. Cf: <http://itabi.infonet.com.br/museusemsergipe/modules/sections/index.php?op=viewarticle&artid=13>, acesso em 07 de setembro de 2019.



Imagem 1: Acervo Iconográfico da Biblioteca Pública “Epifânio Dorea”



Imagem 2: Fotografia do acervo do IGHSE

Percebemos que era a mesma fotografia, porém uma era colorida e outra em preto e branco e que a do quadro havia sido uma reprodução, talvez da imagem localizada na Biblioteca Pública “Epifânio Dorea”. Outra informação relevante obtemos cruzando dados que estavam nas margens das imagens acima. Na imagem 1, tivemos a informação que o homem pardo vestido em vestes militares era o “ALFERES WANDERLEY”, mencionado abaixo da fotografia por alguém que escreveu de caneta esferográfica cor vermelha essa valiosa informação. Na imagem 2, obtivemos o seu nome completo. Nosso sujeito histórico era Antônio Ribeiro Bonfim Wanderley. De posse dessas informações descartamos sumariamente o outro militar de pele branca. Acreditamos que alguém por equívoco colou uma tira de papel com o nome “Alferes Antonio Wanderly”.

Agora restava descobrir outros dados sobre o alferes que lutou na Guerra de Canudos contra os conselheristas. Para isso consultamos como fontes primárias as menções dos livros de Macedo Soares (1902) e Euclides da Cunha (1914), duas testemunhas oculares do conflito bem como as notícias jornalísticas e os estudos realizados sobre a guerra de canudos e a participação de sergipanos nesse conflito militar. A abordagem metodológica é a de uma pesquisa biográfica, feita a partir de livros, jornais e imagens que tragam registros históricos da vida de Antônio Wanderley.

Apesar de ser mencionado em uma obra de renome como *Os Sertões*, Antônio Wanderley é um personagem desconhecido, à margem da História, que normalmente teria seus feitos esquecidos ou lembrados de forma anêmica por ser um militar de baixa patente, ainda não pesquisado e que pode revelar aspectos ainda desconhecidos da Guerra de Canudos e acerca da participação de militares sergipanos.

Como toda pesquisa, este trabalho tem suas limitações. Não conseguimos localizar dados fundamentais como data e local de nascimento do nosso biografado. Contudo, focaremos em sua participação na campanha militar de Canudos. Sabemos que ele foi integrante do 26º batalhão de infantaria e integrou a segunda coluna da quarta expedição enviada para combater Antônio Conselheiro e seus seguidores no arraial de Belo Monte, na região de Canudos, atual sertão do Estado da Bahia.

A GUERRA DE CANUDOS (1896-1897)

A Guerra de Canudos foi um conflito armado que ocorreu no sertão baiano entre os anos de 1896 e 1897, resultado dos conflitos entre as elites oligárquicas da região contra o movimento de cunho messiânico liderado por Antônio Conselheiro. Segundo Fontes (2016), Antônio Vicente Mendes Maciel (1830 – 1897), o Antônio Conselheiro, cearense de Quixeramobim, foi um beato, benfeitor e pregador que peregrinou pelo sertão nordestino combatendo os desmandos das elites locais, auxiliando os mais necessitados e realizando construções, tais como igrejas, pequenos açudes, muros de cemitérios entre outras coisas. Suas pregações e atividades filantrópicas, além de suas opiniões contra as políticas governamentais, o fizeram conquistar um público fiel e que o acompanhava nas suas andanças e o auxiliava em suas obras.

A população, que já estava cansada dos abusos dos oligarcas e era profundamente apegada à religião, a única capaz de manter viva a esperança frente a brutalidade e a vida sofrida que enfrentavam, a cada cidade em que passava era contagiada por seu carisma, fazendo com que muitos se juntassem aos seus seguidores. Isso, somado em seu combate ao poder dos donos de terras e a sua iniciativa em realizar obras, roubava o protagonismo das elites oligárquicas locais e do clero, que viam sua influência sobre o povo ser ameaçada.

Com o assentamento do arraial de Belo Monte, em 1893, a ira das oligarquias chegou ao seu limite. A fixação de residência dos *conselheiristas*, como eram conhecidos os seguidores de Antônio Conselheiro, e a ocupação de terras alarmaram os oligarcas, que viam sua população migrar para o povoado de Antônio Conselheiro, e ficavam apreensivos com possíveis ocupações de suas terras. A igreja também ficou preocupada com a perda de fiéis para um pregador que sequer era ordenado.

Os donos de terra da região viram as cidades vizinhas à Belo Monte caírem sob sua influência, servindo de entrepostos comerciais do arraial. É nesse momento que, no final de 1896, um boato causa o envio da primeira expedição, composta por homens da polícia do estado da Bahia, para a região de Canudos.

Ao todo, três expedições foram organizadas e derrotadas pelos partidários de Antônio Conselheiro, uma da polícia baiana e duas do Exército Brasileiro. A cada vitória, pessoas de todo o país migravam para o arraial de Belo Monte, para viver entre aqueles

que desafiavam e venciam o poder das elites nacionais. Até estrangeiros compunham parte dos habitantes de Belo Monte.

Com as derrotas das expedições anteriores, e com os relatos dos atos bárbaros praticados pelos conselheiristas contra os homens da terceira expedição, o Ministro da Guerra, general de brigada Francisco de Paula Argolo (1847 – 1930), decidiu organizar uma quarta, com um contingente de soldados e um poderio bélico superior às expedições anteriores.

A expedição era constituída por, inicialmente, um corpo de polícia do estado da Bahia, um regimento de artilharia de campanha, uma ala de um regimento de cavalaria e dezessete batalhões de infantaria do Exército (MACEDO SOARES, 1992, p. 42). Integrando a artilharia, um canhão de uso naval chegou a ser levado para o confronto.

O comando geral ficou com o general de brigada Arthur Oscar (1850 – 1903), que decidiu dividir a força em duas colunas, a primeira comandada pelo general de brigada João da Silva Barbosa e a segunda pelo general de brigada Cláudio do Amaral Savaget (1845 – 1901).

Ambas as colunas eram constituídas por três brigadas, somando seis ao todo, cada uma com uma média de três batalhões. Ao longo da expedição alguns batalhões seriam trocados de brigadas e colunas, reforços, como novos batalhões e corpos de polícias de outros estados, seriam adicionados e comandantes substituídos.

A guerra fratricida começou em 7 novembro de 1896 e acabou em 5 outubro de 1897. Antônio Conselheiro falecera em 22 de setembro misteriosamente. "Canudos" - como celebrizou Euclides - "não se rendeu, foi expugnada palmo a palmo, até o último dos conselheiristas". (CUNHA, 1929, p. 413)

De acordo com MACEDO (1964), Marciano de Sergipe destacou-se como um dos últimos kamikazes do Belo Monte, a morrer em nome do Conselheiro. O leal súdito do Rei dos Jagunços lutou até cair, domado pelos militares, degolado, teve ainda os olhos vazados, braços e pernas desconjuntados a golpes de facão. A degola ou "gravata vermelha", como se dizia à época, vitimou também seu velho pai.

O ALFERES ANTÔNIO WANDERLEY

Pouco se sabe sobre a vida do alferes Antônio Wanderley. Local e data de nascimento, os anos iniciais e seu período de formação militar são desconhecidos. Sabe-se que era sergipano e que sua morte foi narrada como heroica por Euclides da Cunha e outros autores.

Seus passos na Guerra de Canudos, até poucos dias antes de sua morte, só podem ser traçados a partir do batalhão do qual fazia parte. Em seu livro *A Guerra de Canudos*, Macedo Soares menciona o nome do alferes Wanderley apenas três vezes, e em nenhuma delas indica à qual batalhão ele pertencia. Também o chama de “adido” (MACEDO SOARES: 1902, p. 205), o que pode indicar que Wanderley tenha sido integrante da Força Pública do Estado de Sergipe, já que no site da Polícia Militar do Estado consta a participação da mesma, com um pequeno contingente, no conflito.

Euclides da Cunha, José Calazans e notícias de jornais o colocam como integrante do 26º batalhão de infantaria, que, na formação inicial da quarta expedição, integrava a sexta brigada, parte da segunda coluna, comandada pelo general Savaget. Assim sendo, analisando a linha do tempo do 26º podemos descobrir os passos do alferes Wanderley. Macedo Soares escreve que o general Savaget chegou a Aracaju em 27 de abril, onde o 26º batalhão se encontrava de guarnição, o que indica que era o batalhão local, depois de retornar da expedição de Moreira César (1850 – 1897), a terceira enviada a Canudos, da qual não se sabe se o alferes participou.

O 26º ficou de guarnição e fez exercícios militares enquanto o comando da segunda coluna fazia os preparativos logísticos para marchar até o sertão baiano. A marcha se iniciou somente no final do mês de maio, com destino a Geremoabo, se encerrando em 7 de junho. O comandante geral, general Arthur Oscar, então ordena que a segunda coluna esteja em Canudos até 27 de junho.

Em 25 de junho, a vanguarda da 2ª coluna foi atacada, e a 6ª brigada, da qual o 26º fazia parte, foi incumbida de ficar na retaguarda e proteger a artilharia, os feridos e o comboio de mantimentos. Como oficial, ao alferes Wanderley provavelmente ficou a responsabilidade de coordenar as ações dos soldados. Neste confronto foram feridos vários militares, inclusive o comandante da coluna, General Savaget. Quase duas centenas

de homens foram perdidos, mortos ou feridos, na batalha que foi o batismo de fogo do alferes Antônio Wanderley.

No dia 27 de junho, na marcha final para Canudos, à 6ª brigada ficou a responsabilidade da vanguarda, onde certamente Wanderley esteve envolvido nos confrontos diretos. O avanço da segunda coluna foi sendo feito aos poucos, sob intenso confronto.

No dia 28, a segunda coluna se preparava para atacar diretamente o arraial de Belo Monte, e o alferes Wanderley foi enviado como comandante de um piquete de cavalaria, explorando o terreno para realizar a investida, mas foi obrigado a recuar devido ao combate intenso.

Pouco antes do avanço da segunda coluna, um homem chegou a cavalo dizendo trazer ordens do comandante geral, general Arthur Oscar, ordenando que a coluna fosse auxiliar a primeira, que corria o risco de ser derrotada por falta de munição e pessoal. Devido ao aspecto do homem, desganhado e que pouco lembrava um militar, o general Savaget enviou o alferes Wanderley e um guia até as posições da primeira coluna para confirmar a ordem. O alferes ser a escolha do comandante da coluna mostra que ele era homem de confiança do general ou de seu estado maior.

Assim que a ordem do general Arthur Oscar foi confirmada, de imediato o general Savaget ordenou que a segunda coluna marchasse em auxílio à primeira, aceitando perder as posições já conquistadas nas batalhas anteriores.

Durante a marcha, o coronel Pantoja ficou responsável por defender o flanco e a retaguarda, o que significa que essa foi a tarefa do alferes Wanderley, já que o coronel era o comandante da sexta brigada, da qual o 26º batalhão fazia parte. Com rapidez e destreza, a segunda coluna conseguiu socorrer a primeira e segurar o ataque dos partidários de Antônio Conselheiro.

A partir daqui pouca coisa se tem a informar além de que o 26º e o alferes Wanderley passaram por todas as penúrias que as forças da quarta expedição sofreu, tais como a falta de suprimentos, que levou à sede e a fome, e os ataques constantes dos partidários de Antônio Conselheiro, que castigavam as linhas do exército e diminuía a moral dos combatentes.

Ao 26º, em boa parte do tempo que sucedeu até a morte do alferes Wanderley, coube o papel de reserva de contingente, assim como a guarnição do ponto de comando e retaguarda das atividades da segunda coluna.

No dia 17 de julho, o general Arthur Oscar publicou uma ordem do dia onde reorganizava os efetivos militares, organizando uma grande coluna que iria atacar Belo Monte e tomar parte da cidade. O ataque ocorreu na manhã do dia 18.

O 26º carregou com o 5º corpo de Polícia da Bahia pelo leito do rio Vaza-Barris, adentrando o arraial junto com os outros soldados, momento no qual foi morto o alferes Wanderlei, que foi alvejado e morto junto com o seu cavalo, no momento em que descia uma colina fazendo uma carga contra o inimigo.

Essa fatalidade foi reproduzida artisticamente na obra *Canudos Redivida* (1994) de T. Gaudenzi:



IMAGEM 03: GAUDENZI, T. *Canudos Redivida*. São Paulo: Caixa Econômica Federal, 1994. p. S/N

Mais detalhes sobre sua morte são desconhecidos, e o que se pode supor do destino do seu corpo é de que foi enterrado por seus colegas, a exemplo do que aconteceu com outros oficiais mortos.

Foi retratado como herói por Euclides da Cunha, é tema de versos que contam sua bravura, mas há pouquíssima bibliografia a seu respeito. O que se encontra sobre ele são algumas citações nos livros da campanha e seu nome nas listas de mortos publicadas pelos jornais.

Em notícia do jornal aracajuano *O Paiz*, de 18.08.1897, conseguimos uma informação importante: o nome de se sua mãe, Clotilde de Oliveira. É relatado que ela recebeu uma soma de 124 mil réis, provavelmente uma pensão paga aos familiares dos oficiais mortos na Campanha de Canudos, e uma aliança retirada do corpo do alferes. Por sua mãe ser a recebedora do dinheiro, pode-se supor que o alferes não possuísse esposa, ou fosse viúvo.

No “Diário da Tarde” do jornal *A Noticia*, de 10.08.1897, também de Aracaju, é relatada a morte do alferes com um comentário do coronel Serra Martins: “morreu como um bravo dos bravos!”.

Na mensagem do governador do estado de Sergipe, Martinho Garcez, à assembleia legislativa estadual na abertura de uma sessão solene em 1897, o nome do alferes Wanderley é novamente mencionado e o militar é lembrado como heroico e alguém que “praticou prodígios de bravura”.

Mas por que a vida de Antônio Wanderley, até a sua morte, é tão desconhecida? Há um ponto que pode ajudar a esclarecer.

Uma fotografia do alferes, tirada à época da Guerra de Canudos, se encontra no acervo do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe e a partir dela pode-se tirar algumas conclusões, tais como média de idade e tom de pele. Antônio Wanderley era mulato, e por isso devia ser privado de certos cargos e patentes na esfera pública e social da antiga província e posterior estado de Sergipe.

Mesmo tendo morrido em um ato bravura, é de se estranhar tão fervorosa valorização da imagem do alferes. Como um mulato, seus atos heroicos até seriam louvados, mas não tanto ao ponto de o governador do Estado citar seu nome junto ao de outros oficiais de maior patente mortos no conflito.

Isso pode significar que Wanderley era de alguma importante família sergipana, ou mesmo figura já conhecida no estado, como também pode significar que seus atos de bravura foram mais do que conseguiram descrever. Também é possível que o governador

tenha tentado usar sua morte como capital político. Talvez os militares sergipanos presentes na expedição tenham pressionado o governador para lembrar o seu nome.

Como anteriormente citado, há a hipótese de Wanderley ter integrado a força policial sergipana e ter sido cedido ao exército por ocasião da quarta expedição à Canudos. Podemos questionar se o alferes possuía tal patente devido à cor de sua pele. Pela imagem no IHGSE, Wanderley aparentava ter algo entre 30 e 40 anos quando de sua morte. Um homem branco nessa idade já estaria na patente de primeiro tenente ou capitão, talvez até major. Contudo, cabe ressaltar uma passagem de Euclides da Cunha em *Os Sertões*, onde ele cita o nome de Antônio Wanderley, entre outros, como integrante de uma “oficialidade moça” (CUNHA: 1929, p. 454), o que pode significar que a avaliação de idade a partir do retrato está incorreta e que o alferes possuía baixa patente por ainda ser novo.

Outra dúvida que se faz é se, caso realmente integrante da polícia sergipana, Antônio Wanderley teria se voluntariado para fazer parte do contingente cedido ao Exército ou se foi ordenado. Pelas tarefas a ele incumbidas e por seus atos durante o conflito, supõe-se que era um militar dedicado, além de bem visto por seus superiores, e somando isso ao fato de a efervescência do ideal republicano à época ser forte, principalmente nos meios militares, protagonistas no Golpe de 1889, é de se supor que Antônio Wanderley tenha sido voluntário a se integrar ao Exército.

José Calazans (1950), grande estudioso de Canudos, traz um verso em homenagem ao Alferes Antônio Wanderley:

O alferes Vanderlei
É bicho de opinião
Quando foi para Canudos
Foi em frente ao batalhão.

Um oficial ir ao combate na linha de frente de seu batalhão é tido como exemplo de dedicação, coragem e espírito de liderança, e o alferes Wanderley ser retratado em versos dessa forma mostra que não foi somente na sua morte que demonstrou bravura.

Sobre sua morte Euclides escreveu que: “Wanderley, destinado a tombar heroicamente no último passo de uma carga temerária;” (CUNHA, 1929, p. 454), e mais à frente no livro, ele detalha melhor o acontecimento: “Wanderley, que, precipitando-se

a galope pela encosta asperrima da ultima collina, fôra abatido ao mesmo tempo que o cavalo, no topo da escarpa, rolando por ella abaixo em quéda prodigiosa, de titan fulminado” (Idem, p. 466).

Não há dúvidas de que os atos do alferes Wanderley foram de extrema bravura e exemplos de profissionalismo. Pode ocorrer, em algum momento da leitura deste artigo ou da bibliografia nele presente, de surgir o questionamento de como uma morte durante uma malsucedida carga a cavalo pode ser considerada um ato de bravura. Isso já entra numa reflexão acerca dos valores e princípios militares, e no espírito de liderança que um oficial como Antônio Wanderley deveria inspirar.

Como comandante, um militar deve buscar manter elevada a moral de seus subordinados, instigar o avanço durante o combate, e como militar deve estar disposto a dar sua vida em benefício à instituição que pertence e à causa que defende. Quando resolveu investir a cavalo contra Belo Monte, o alferes Wanderley provavelmente buscava instigar os seus comandados a avançar contra o inimigo, mesmo sob forte tiroteio, e cumpria sua missão como oficial. Ao mesmo tempo aceitava definitivamente, pois tecnicamente já o fizera ao integrar as linhas do Exército, perder sua vida em nome da causa. E todas as honras são dadas aos soldados que morrem lutando por seu país e instituição.

Elaboradas todas essas hipóteses, tem-se a necessidade de montar um perfil do alferes Antônio Wanderley com base nas conclusões mais prováveis. Como Euclides o categorizou como moço, Wanderley deveria ser novo, tendo entre 20 e 35 anos. Pelo fato de Macedo Soares tê-lo descrito como “adido” e não como “alferes honorário”, a quem o autor chamou outros personagens que não possuíam carreira militar antes de Canudos mas participaram do conflito, somando-se à sua fotografia representá-lo fardado e ao já esclarecido fato de a polícia sergipana ter se envolvido no conflito, pressupõe-se que Antônio Wanderley tenha sido membro da Força Pública do Estado de Sergipe, e, estando essa hipótese correta, Wanderley, como integrante da força policial, teria pertencido a alguma importante família, capaz de lhe garantir o prestígio para ser admitido como oficial.

De fato, ter sido mulato não deve ter atrapalhado a carreira profissional do Alferes, pois na época já começava a existir um movimento de aceitação, capitaneado por homens como Machado de Assis, e que poucos anos depois culminaria na chegada do primeiro mulato, Nilo Peçanha, à presidência da república.

Por ter sido escolhido pelo general Savaget para uma importante missão, atravessar o campo de batalha e confirmar a veracidade de ordens expedidas, caracterizando-o como homem de confiança, por sua iniciativa no cenário de guerra liderando piquetes de cavalaria e por seu final de bravura, lembrados com destaque em livros e versos, não resta dúvida de que era um militar dedicado e exemplo de comandante.

O renomado desenhista Angelo Agostini, publicou uma ilustração na sua revista “D. Quixote”, edição de 21 de março de 1897, poucos meses antes da morte do alferes Antonio Wanderlei, nessa ilustração baixo vemos o militar sergipano Capitão Salomão da Rocha que faleceu em batalha e recebeu a homenagem como uma das “vítimas do dever”. A mesma homenagem não foi feita ao nosso alferes, pois os jornais cariocas se preocuparam mais em noticiar o final do combate e a vitória das forças do exército central.

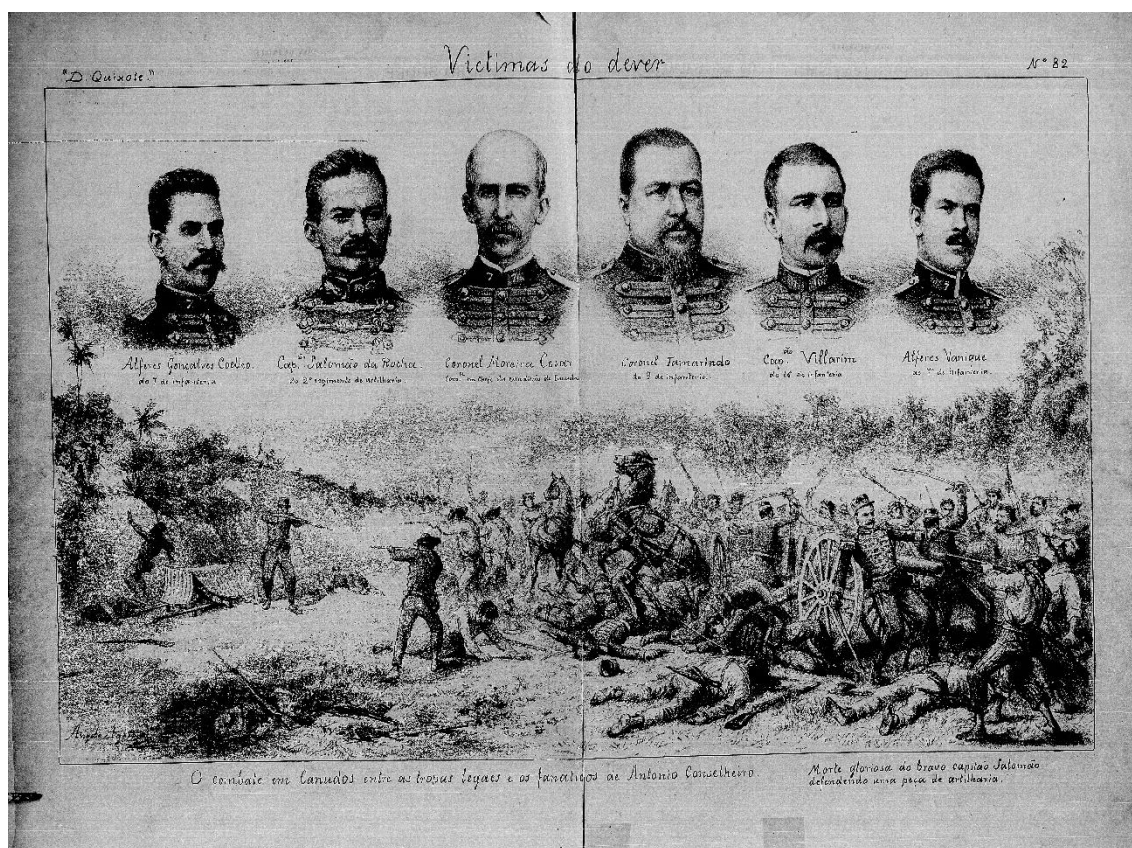


Imagem 4: D. Quixote: Jornal ilustrado de Angelo Agostini, ano 3, nº 82, 21/03/1897, p. 7

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desfecho da análise elaborada neste trabalho é de que ainda falta muito o que se pesquisar a respeito do alferes Antônio Wanderley.

A bibliografia disponível para esta pesquisa não era a ideal, poucas informações estavam disponíveis e a maioria das conclusões alcançadas se resumem em hipóteses. Porém, há de se destacar, embasadas em possibilidades reais formuladas com base na análise da documentação disponível.

Com relação ao trabalho do militar antes de Canudos, foi apontada a possibilidade de o mesmo ter integrado a Força Pública de Sergipe. Ainda em relação a isso, foi levantada a questão de o mesmo ser de uma importante família, já que, ainda novo, já pertencia ao oficialato.

Sobre seus feitos durante a guerra, fica inerente que era homem de confiança e militar competente e dedicado. Seu comprometimento com a campanha foi levado ao extremo quando ele se sacrificou, buscando levantar o espírito de seus comandados para a invasão do arraial de Belo Monte.

Pode-se identificar, com clareza, que o alferes Wanderley era integrante do 26º batalhão de infantaria, alocado na sexta brigada, segunda coluna, comandada pelo general Savaget, da quarta expedição enviada a Canudos, e esteve presente nos preparativos desde Aracaju.

Também concluímos que Wanderley se envolveu diretamente no combate, comandando um piquete de cavalaria que fazia o reconhecimento do terreno como preparativo da invasão da segunda coluna ao arraial de Antônio Conselheiro.

E a conclusão mais importante é a que, de fato, o alferes morreu de forma heroica enquanto dava uma carga de cavalaria no arraial de Belo Monte.

Para concluir este trabalho e fazer as alegações finais a respeito do alferes Antônio Wanderley, é necessário fazer uma ressalva: Não cabe a este artigo julgar os atos do Exército ou dos conselheiristas, muito menos escolher um lado, pois não é este o tema da pesquisa. Contudo, deve-se lembrar que os dois lados cometeram atrocidades. Além disso, Antônio Conselheiro e seus seguidores, desrespeitando as instituições e cometendo crimes, atentaram contra a ordem, e os militares e as instituições políticas, não fazendo

as reformas políticas e sociais necessárias, atentaram contra o estado democrático de direito.

Mesmo tendo ocorrido antes das Convenções de Haia e Genebra, que estipularam regras internacionais sobre resoluções de conflito e crimes de guerra, na Guerra de Canudos foram cometidos certos atos que eram evidentes atentados à dignidade humana.

Nesses casos, sempre se argumenta que o Estado, como dono do monopólio da força, tem uma responsabilidade maior em um conflito, e mesmo vitorioso deve reparar o derrotado, mesmo que este último tenha cometido crimes equivalentes. Tal alegação é, contudo, falaciosa, pois crimes contra a humanidade independem da posição de seus praticantes, sendo todos, Estado ou pessoa, julgados pelos seus atos.

Assim sendo, o assassinato de prisioneiros por ambos os lados, em especial o Exército Brasileiro pela degola de mulheres, crianças e idosos, e o ataque dos conselheiristas aos feridos, socorristas e médicos do Exército são absolutamente reprováveis.

Essas ressalvas foram feitas para explicar por que o alferes Wanderley e seus atos não devem ser renegados ou julgados. Até por ele já ter morrido quando a pior atrocidade cometida pelo Exército durante o conflito, a execução de prisioneiros, foi realizada. Seus atos devem ser vistos do ponto de vista de um combatente, pois, independentemente de o seu lado estar certo ou errado, o soldado fez um juramento de lutar por sua instituição, e é necessário que o faça até para manter a si e a seus colegas vivos.

A conclusão final deste artigo é de que a figura do alferes Antônio Ribeiro Bonfim Wanderley deve ser resgatada e pesquisada, pois sua contribuição à história da Guerra de Canudos ainda não foi totalmente compreendida. Suas decisões em campo de batalha podem ser ensinadas em instituições militares, e sua bravura e dedicação podem servir de exemplo aos futuros oficiais e praças das Forças Armadas e polícias militares.

Infelizmente não foi possível chegar em muitas conclusões. O material disponível para esta pesquisa era mínimo, e pouco havia a informar. Contudo, ainda há possibilidades de novas descobertas. Infelizmente este trabalho ficará no campo das hipóteses, mas se propõe a fundamentá-las com base em análises da bibliografia disponível, não caindo nos vícios ideológicos da mesma, e sempre tentando instigar a pesquisa e reflexão a respeito do alferes Wanderley e de seus atos de coragem.

Pesquisas podem ser feitas nos livros de batismo das dioceses sergipanas, buscando o nome do pai, irmãos, filhos do alferes. No Arquivo do Judiciário de Sergipe podem ser encontrados processos em que constem seu nome. No arquivo da Polícia Militar sergipana pode existir algo que confirme a hipótese de Wanderley ter pertencido a Força Pública do estado. Em cartórios podem ser encontrados registros de posses de imóveis ou registro de casamento. No arquivo do Exército podem ser encontrados alguns documentos, onde pode constar seu nome, informar ordens que recebeu, atos que realizou.

Talvez, em um futuro próximo, tendo mais tempo e recursos, este artigo possa evoluir para algo mais encorpado e com mais certezas do que hipóteses, ou este trabalho sirva de inspiração para futuros pesquisadores que se interessem pela história deste valoroso militar.

FONTES ICONOGRÁFICAS E IMPRESSAS

Fotografia:

Fotografia do Alferes Wanderley: M. Rizzo, São Paulo, século XIX. Acervo iconográfico do arquivo do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe. Código de consulta: PS 049.

Fotografia de Antonio Vanderlei. Acervo iconográfico sergipano. Biblioteca Pública Estadual “Epifânio Dorea”

GAUDENZI, T. Canudos Redivida. São Paulo: Caixa Econômica Federal, 1994.

Jornais:

D. Quixote: Jornal ilustrado de Angelo Agostini, ano 3, nº 82, 21/03/1897, p. 7

O Paiz, 1897.

A Notícia, 1897

Diário da Tarde, 1897.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CALASANS, José. *O Ciclo folclórico do Bom Jesus Conselheiro* – Contribuição ao Estudo da Campanha de Canudos. Bahia: Tipografia Beneditina LTDA, 1950.

_____. “Fávila Nunes: repórter em Canudos. In: *Revista do IHGSE*, Aracaju, n. 31, p. 103-112, 1992;

_____. “Canudos: origem e desenvolvimento de um arraial messiânico”. In: *Revista do IHGSE*. Aracaju, n. 32, p. 97-112, 1999.

CUNHA, Euclides da. *Os Sertões* – Campanha de Canudos. 11. Ed. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves Paulo de Azevedo e CIA, 1929.

FONTES, Oleone Coelho. *Sergipe na Guerra de Canudos*. Salvador: Ponto & Vírgula Publicações, 2016.

GALVÃO, Walnice Nogueira. *No calor da hora: a Guerra de Canudos nos jornais*, 4ª edição. São Paulo: Ática, 1974.

GARCEZ, Martinho C. da Silveira. *Mensagem dirigida à Assembleia Legislativa*. Aracaju: Imprensa Oficial, 1897.

KOSSOY, Boris. *Fotografia e história*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

MACEDO, Nertam. *Memorial de Vilanova*. Rio de Janeiro: O Cruzeiro, 1964.

MAUAD, Ana Maria. Fotografia e história – Possibilidades de análise. In: CIAVATTA, Maria; ALVES, Nilda (Orgs.). *A leitura de imagens na pesquisa social: história, comunicação e educação*. São Paulo: Cortez, 2004.

SOARES, Henrique Duque-Estrada de Macedo. *A Guerra de Canudos*. Rio de Janeiro: Tipografia Altina, 1902;

SOUZA, Cel. PM Dilson Ferraz de. Origem e Formação. Polícia Militar de Sergipe. Histórico. Disponível em: <http://pm.se.gov.br/home/historico/>. Acesso em: 03 de set. de 2019.